

Špánková, Silvie

Rumos da poesia contemporânea

In: Špánková, Silvie. *Literaturas africanas de língua portuguesa II, Antologia de textos literários*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 105-123

ISBN 978-80-210-6978-7; ISBN 978-80-210-6981-7 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131169>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

6. Rumos da poesia contemporânea

Neste bloco serão apresentados alguns nomes e títulos de relevo da poesia angolana, moçambicana e cabo-verdiana contemporânea, em todos os casos invulgarmente produtiva e inovadora. Para além de um ímpeto renovador, um traço comum de todas as poesias nacionais assenta também na sensibilidade prestada ao legado poético, às gerações poéticas anteriores com as quais os mais novos tecem um diálogo nunca acabado.

POESIA ANGOLANA

Em princípio, podemos falar de poesia angolana contemporânea a partir dos anos 70, quando apareceu uma geração que contribuiu singularmente para a renovação da poesia. Aos nomes mais importantes desta geração pertencem Arlindo Barbeitos, David Mestre e Ruy Duarte de Carvalho que, apesar de personalizarem o contexto cultural angolano dos anos 70, são hoje em dia reivindicados como autores modelares. **Arlindo Barbeitos** (1940), autor de *Angola Angolê Angolema* (1976) e *Nzaji* (1979), é aqui apresentado através dos poemas da coletânea mais recente *Fiapos de Sonho* (1992), cujo tema fundamental compreende o tempo, o seu fluir, a impossibilidade de parar, sendo ao mesmo tempo desenvolvida a imagética de um país destruído, dilacerado pela guerra civil, em que os tons escuros predominam. Apesar disso, tal como insinua o título, instaura-se aqui a dimensão onírica, quiçá uma miragem ou ilusão. **David Mestre** (1948–1998) é mestre em equilíbrio do ético com o estético que cultivava um verso lapidar, denso e conciso, tal como se vê nos poemas da sua coletânea *Nas Barbas do Bando* (1985), aqui apresentados. Salienta-se neles um fundo oral, com ritmo marcado e aliterações. Nos poemas de **Ruy Duarte de Carvalho** (1941–2010), igualmente densos e espessos, respira, por sua vez, a magia de um mundo ancestral, rural e nómada. O poema aqui apresentado é extraído da coletânea *Chão de Oferta* (1972), na qual se recupera a oralidade, línguas e culturas do povo do Sul de Angola.

A geração que surgiu nos anos 80 é aqui representada pelos nomes de Paula Tavares, João Maimona, José Luís Mendonça, João Melo e Lopito Feijóo. A poesia de **Ana Paula Tavares** (1952) promove um discurso lírico que recupera (e polemiza com) a tradição (do Sul de Angola), salientando os temas do telurismo, amor, feminilidade, sexualidade e fertilidade (a mulher liga-se à imagem da terra lavrada e fecundada), tal como se verifica no poema aqui exposto, da coletânea *Ritos de Passagem* (1985). Pode ser lida também, em alguns aspetos, como uma denúncia da condição feminina. Outro poeta, **João**

Maimona (1955) é um dos mais prolíficos poetas dos anos 80, cultor do diálogo intertextual, com um pendor surrealizante. A sua poesia elabora com frequência as imagens de decadência, degradação e morte, como se mostra no poema apresentado, da coletânea *Trajectória Obliterada* (1985). Ao lado deste poeta, destaca-se ainda **José Luís Mendonça** (1955), com uma linguagem metafórica depurada e uma ironia subtil, tocando por vezes a densidade mítica e religiosa. Também nesta poesia emerge uma visão distópica da realidade, provocada pelos desencantos da guerra civil e das condições deploráveis do povo. Os poemas aqui apresentados são extraídos da coletânea *Quero Acordar a Alva* (1996), um dos cúmulos da sua poesia. Por outro lado, **João Melo** (1955) cultivava um discurso lírico com ecos políticos, históricos, sociais e ideológicos. Às suas expressões poéticas pertence a tradição fabulística (*Fabulema*, 1986) e uma renovação experimental (*O Caçador de Nuvens*, 1993), da qual provém o poema aqui apresentado. Por fim, a poesia de **Lopito Feijóo** (1963), que provoca juízos díspares, caracteriza-se pelo concretismo, surrealismo, irracionalização do discurso, carnavalização da linguagem ideológica, exuberância barroca. Trata-se de um autor completamente afastado da poesia militante, também pelo facto de o seu maior tema ser o Amor e a dimensão metaliterária. O poema aqui apresentado, que recria parodicamente o universo de Aires de Almeida Santos, faz parte da coletânea *Cartas de Amor* (1990).

Arlindo Barbeitos

por entre as margens da esperança
 [e da morte
 meteste a tua mão
 e
 eu vi alongados nas águas
 os dedos que me agarram

em lagoa de um sonho
 corpo de jacaré
 é soturna jangada de palavras
 [secas
 por entre as margens da esperança
 [e da morte

(BARBEITOS, Arlindo, *Fiaços de Sonho*. Lisboa: Vega, 1992, p. 26)

o cortejo dos homens e das coisas
passa negligente
para além dos portões da memória

pontual
o relógio da dor
vai marcando o tempo
que
a ferrugem do esquecimento
[ainda não roeu

para além dos portões da memória
passa negligente
o cortejo dos homens e das coisas

(BARBEITOS, Arlindo, *Fiapos de Sonho*. Lisboa: Vega, 1992, p. 31)

a sul do sonho
a norte da esperança

a minha pátria
é um órfão
baloçando de muletas
ao tambor das bombas

a sul do sonho
a norte da esperança

(BARBEITOS, Arlindo, *Fiapos de Sonho*. Lisboa: Vega, 1992, p. 46)

Ruy Duarte de Carvalho

A gravação do rosto

Na superfície branca do deserto
na atmosfera ocre das distâncias
no verde breve da chuva de Novembro
deixei gravado meu rosto
minha mão
minha vontade e meu esperma;
prendi aos montes os gestos de entrega
cumprí as trajectórias do encontro
gravei nas águas a fúria da conquista
da devolução do amor.

Os calcários e os granitos desta terra
foram por mim pesados.
Dei-lhes afagos
leves olhares
insónias longas
impacientes esperas.

(CARVALHO, Ruy Duarte de, *Chão de Oferta, In Memória de Tanta Guerra, Antologia Poética*. Lisboa: Vega, 1992, p. 11)

David Mestre

O sapo

O sapo
sabe
saltar na lagoa

o sapo
sabe
que não voa

o sapo

chape
chape

Arte poética

Pousa o tempo
sobre os ombros
e (d)escreve
apenas
erosões
dum rasto
de Sol
na pedra lisa

(MESTRE, David. *Nas Barbas do Bando*. Lisboa: Ulmeiro, 1985, p. 26–27)

Ana Paula Tavares

Colheitas

De dez em dez anos
cada círculo
completa sobre si mesmo
uma viagem
nasce-se, brota-se do chão
e dez anos depois o primeiro
forma-se espera e cai
por gravidade
ao vigésimo oitavo dia

entre dez e dez anos
prepara-se
para a semente
a terra
aos vinte surge
o arado
a chuva
o sorriso

ALGUNS DEZ ANOS DEPOIS

ESPERA-SE O FIM

de vinte e oito

em

vinte e oito dias

Luanda, 1984

(TAVARES, Ana Paula. “Colheitas”, *Ritos e Passagens*, 1985, In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana* (1985–2000). Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 23)

José Luís Mendonça

No céu asfaltado do Bié

No céu asfaltado do Bié
um invólucro de obus dobra a esquina
do nosso pensamento esburacado

e os quilombelombes dormiam quando os profetas do fogo
lhes comeram os ossos mas não comeram
as almas de massambala.

No céu asfaltado do Bié
vai a enterrar uma sombra latente era do cão
era do cão aquela guerra era do cão.

25 de Novembro de 1994

Casas velhas da cidade de Luanda

Casas velhas da cidade de Luanda
sentadas nos alpendres de mim mesmo
bocas de branco e mãos de preto
com os joelhos batendo no queixo
cabelos de jibóia pelo ventre

à hora da sexta e dos vencidos linótipos.

Casas velhas da cidade de Luanda
Sentadas na página roída de um país.

(MENDONÇA, José Luís. “No céu asfaltado do Bié”, *Quero Acordar a Alva*, 1996,
In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 96–97)

João Maimona

Murmúrios

Junto dos murmúrios do dia estendem-se crânios recortados.
Nas ruínas que a noite encobre, vejo rostos abertos ao trespasse.
Quando vivo as horas dos murmúrios e das ruínas,
sou o corpo que desdobra os braços, o espírito,
a coluna vertebral e as pálidas veias.
Hei-de arrancar a estrada solitária
quando deixar os murmúrios e as ruínas do rio.

(MAIMONA, João. “Murmúrios”, *Trajectória Obliterada*, 1985, In SOARES,
Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 128)

João Melo

Homo Angolensis

Mastiga a própria desgraça
com ela improvisa uma farra
precisa de uma boa maka
como do ar para respirar
acha o mundo demasiado pequeno
pró seu coração
ri à toa fornicava por disciplina

revolucionária
jura que um dia será potência
gosta de funje todos os sábados
e foge do trabalho na segunda
mas fica limão
quando lhe querem abusar

(MELO, João. “Homo Angolensis”, *O Caçador de Nuvens*, 1993,
In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 61)

Lopito Feijóo

Breve temporada na rua onze
– em pleno sonho –

Leve tumor leva meu coração
o tempo repele magnificente a
superstição. O momento é claro e cheio de graça
graças ao acaso achado na rua onze

não vejo mais prostitutas enlameadas
junto à porta de ninguém. Só os dons forçados
da fraternidade infernal nos coagula o querer
ascético, melancólico, embalado e esmaltado enfim!

É uma rua terrível, oculta e de pistas voluptuosas
sedutora é uma belíssima revolução.
– Ah ... pudesse eu nela, contigo habitar
curtir despercebido minha humilde boémia.
Não sei já se é lacónica ternura ou reflexo de bárbara civilização
sei só que não, não é intercesSão Barata!

(FEIJÓO, Lopito. “Breve temporada na rua onze”, *Cartas de Amor*, 1990,
In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 213)

POESIA MOÇAMBICANA

No caso da poesia moçambicana, também é possível falar de uma geração que particularmente influenciou a criação poética contemporânea. Para além de José Craveirinha, o emblema da literatura moçambicana, cuja importância foi reconhecida ainda antes da independência, convém mencionar os nomes de **Rui Knopfli** (1932–1997) e **Sebastião Alba** (1940 – 2001), autores que pelos seus dados biográficos, como pela sua expressão poética criam uma ponte entre várias culturas. O poema de Sebastião Alba aqui exposto, de temática suburbana, é da coletânea *O Ritmo do Presságio* (1974). Quanto ao poema de Rui Knopfli aqui presente, este, como alguns outros poemas de sua autoria (sobretudo da coletânea *Ilha do Próspero*, 1972), contribuiu para a criação do mito da Ilha de Moçambique.

O mito da Ilha de Moçambique, espaço de cruzamento de culturas africana, oriental e europeia, é hoje em dia recuperado pelas novas gerações, ressurgindo com maior força na poesia de dois autores mais conhecidos da nova geração, **Luís Carlos Patraquim** (1953) e **Eduardo White** (1963). Patraquim, conhecido sobretudo pelas suas coletâneas *Monção* (1980) e *Vinte e Tal Novas Formulações e uma Elegia Carnívora* (1991), cultiva a poesia intimista, reflexiva e onírica, claramente afastada do discurso ideológico. Acentua-se a dimensão simbólica e imagética, bem como a intertextualidade com autores moçambicanos (Craveirinha, Sebastião Alba, Rui Knopfli) e estrangeiros. Um exemplo deste diálogo intertextual pode ser detetado no poema “Muhípiti”, aqui apresentado, que através do reenvio à *Ilha de Próspero* de Knopfli, evoca um lugar procurado, iniciático e utópico. Na poesia de Eduardo White, a recuperação deste mito cultural pode ser observada nas coletâneas *Amar Sobre o Índico* (1984), com poemas aqui apresentados, e *Janela para o Oriente* (1999). O último poeta de relevo, aqui mencionado, **Armando Artur** (1922), estreou-se também nos anos 80, com a coletânea *O Espelho dos Dias* (1986), em que se revela a urgência do labor poético, assente na invenção imaginativa. Trata-se essencialmente da poesia intimista, interior, a que o pendor metapoético imprime um marco reflexivo. A seguinte coletânea *O Hábito das Manhãs* (1990), aqui apresentada através de um poema, concentra-se em especial na temática amorosa, substancial aos elementos naturais (ao mar e à terra), que se desenvolve com força também noutros títulos poéticos do autor (*Estrangeiros de nós Próprios*, 1996, *Os Dias em Riste*, 2002).

Sebastião Alba

Subúrbio

Ao Rui Nogar e ao Zé Neto

Onde há casas menores com portas abertas
por sobre os espaços que a luz orna
entre as palmeiras
e vultos que amanhecem envoltos
em lençóis de que a noite suja escorreu
a manhã pausa
nos pulsos das mulheres que se elevam com ela
e meninos negros alteiam-se
no flanco das mães
de olhos que a esperança já estria
Os comerciantes assoam-se
de varanda para varanda
retribuem devagar a amizade
Que os meninos trazem para fora
das tarefas diárias
as luas carcomidas no sítio das fogueiras
enfadas murmuramente em seus colares.

(ALBA, Sebastião. *O Ritmo do Presságio*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 68)

Rui Knopfli

Ilha dourada

A fortaleza mergulha no mar
os cansados flancos
e sonha com impossíveis
naves moiras.
Tudo mais são ruas prisioneiras
e casas velhas a mirar o tédio.
As gentes calam na

voz
uma vontade antiga de lágrimas
e um riquexó de sono
desce a *Travessa da Amizade*.
Em pleno dia claro
vejo-te adormecer na distância,
Ilha de Moçambique,
e faço-te estes versos
de sal e esquecimento.

(KNOPFLI, Rui, „Ilha dourada“, *O País dos Outros*, In *Obra Poética*.
Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 76)

Luís Carlos Patraquim

afasto as cortinas da tarde
porque te desejo inteira
no poema

e passas de capulana
teu corpo como as dunas
plantadas de pinheiros
rumorejando perto

a fúria das ondas
caindo brandas
no meu gesto

(PATRAQUIM, Luís Carlos. *Monção*, Lisboa: Edições 70, 1980, p. 38)

Muhípití

Para Ti, com a ilha, a Rui Knopfli

É onde deponho todas as armas. Uma palmeira
harmonizando-nos o sonho. A sombra.

Onde eu mesmo estou. Devagar e nu. Sobre
 as ondas eternas. Onde nunca fui e os anjos
 brincam aos barcos com livros como mãos.
 Onde comemos o acidulado último gomo
 das retóricas inúteis. É onde somos inúteis.
 Puros objectos naturais. Uma palmeira
 de missangas com o sol. Cantando.
 Onde na noite a Ilha recolhe todos os istmos
 e marulham as vozes. A estatuária nas verilhas.
 Golfando. Maconde não petrificada.
 É onde estou neste poema e nunca fui.
 O teu nome que grito a rir do nome.
 Do meu nome anulado. As vozes que te anunciam.
 E me perco. E estou nu. Devagar. Dentro do corpo.
 Uma palmeira abrindo-se para o silêncio.
 É onde sei a maxila que sangra. Onde os leopardos
 naufragam. O tempo. O cigarro a metralhar
 nos pulmões. A terra empapada. Golfando. Vermelha.
 É onde me confundo de ti. Um menino vergado
 ao peso de ser homem. Uma palmeira em azul
 humedecido sobre a fronte. A memória do infinito.
 O repouso que a si mesmo interroga. Ouve.
 A ronda e nenhum avião partiu. É onde estamos.
 Onde os pássaros são pássaros e tu dormes.
 E eu vagueio em soluços de sílabas. Onde
 Fujo deste poema. Uma palmeira de fogo.
 Na Ilha. Incendiando-nos o nome.

(PATRAQUIM, Luís Carlos, *Vinte e Tal Novas Formulações e Uma
 Elegia Carnívora*, In SAÚTE, Nelson, *Antologia de Poesia Moçambicana*.
 Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 466–467)

Armando Artur

O teu corpo de terra e maresia
 onde o meu barco se desencilha
 e abre velas e caminhos livres

o teu corpo de terra e maresia
onde a minha proa anuncia
segredos na esteira branca

o teu corpo de terra e maresia
onde a minha bandeira de sonhos
no mais fundo se revela

o teu corpo de terra e maresia
onde o meu barco de novo se prepara
para novas e longas viagens

em busca dum dia justo, limpo e pleno,

(assim seja!).

(ARTUR, Armando, *O Hábito das Manhãs*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 549)

(urgência de viver, urgência de ser)

É urgente inventar
novos atalhos
acender novos archotes
e descobrir novos horizontes.

é urgente quebrar
o silêncio
abrir fendas ao tempo
e, passo a passo
habitar outras noites
coalhadas de pirilampos.
é urgente içar
novos versos
escalar novas metáforas
e trazer esperanças
recalcadas pela angústia.

é urgente partir
sem medo
e sem demora
para onde nascem sonhos
buscar novas artes
de esculpir a vida.

(ARTUR, Armando, *Espelho dos Dias*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 552–553)

Eduardo White

Mastro.
Mastro.
Eis que dentro deste instante
o mundo se principia a iniciar.
Musgo verde
sal das praias
resto que nutro
no hálito quente dos animais.

(WHITE, Eduardo, *Amar Sobre o Índico*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 557)

És a vela içada
a quilha que contorna
a carne das águas.
És a tempestade
a chuva premeditada
e eu o náufrago
que não se permite afogado.

(WHITE, Eduardo, *Amar Sobre o Índico*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 557–558)

POESIA CABO-VERDIANA

Após a independência, tal como a poesia angolana e moçambicana, a poesia cabo-verdiana afasta-se sensivelmente da dimensão engajada que veicula o conteúdo político-ideológico. Isso não significa, porém, que apesar de um intimismo e um trabalho poético (i. é. literário) consciente, esta poesia não se debruce sobre a condição do homem, e mais concretamente sobre o homem caboverdiano. Recuperam-se, assim, alguns assuntos temáticos tradicionais, tais como a seca, a chuva, a miséria, a emigração, ao lado das novas temáticas, cicunscritas ao contexto pós-colonial, tais como as dicotomias esperança/desilusão, vitalidade/desespero, amor/morte. Estas coordenadas temáticas apresentam-se também nos exemplos aqui apresentados: nos poemas de **Dina Salústio** (1941), **José Luís Hopffer C. Almada** (1960), **Valdemar Valentino Velhinho Rodrigues** (1961) e **Vera Duarte** (1952).

Dina Salústio

Estavas do avesso. Despudoradamente.
Nas mãos tinhas uma pedra
e apontavas para mim.

O cheiro embaciava os vidros
maculava o tempo
amachucava o corpo

Tapei o rosto
engoli a dor
interroguei a vida

Tardes de silêncio
anos de mãos dadas
juras de mulheres
cumplicidade de fêmeas
eram música para esquecer

defesas amordaçadas
não escondi o choro
quando
a porta bateu.

Geme-se grita-se e expulsa-se
 é um nascimento barato
Entra-se come-se e paga-se
 é uma casa barata
Bebe-se encharca-se e cai-se
 é um bar barato
Encosta-se mijá-se e cospe-se
 é uma rua barata
Enrola-se fuma-se e tosse-se
 é um tabaco barato
Toca-se torce-se e esgota-se
 é um amor barato
Trabalha-se cumpre-se e assina-se
 é um ofício barato
Levanta-se mexe-se e dorme-se
 é um viver barato
deita-se olha-se e morre-se
 é uma morte barata
escreve-se lê-se e rasga-se
 é um poema barato.

Praia, 1986

(SALÚSTIO, Dina, In ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro Almada (org.),
Mirabilis de veias aos sol, Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos.
Lisboa: Caminho, 1991, p. 155–156)

José Luís Hopffer C. Almada

Miragem

Para B.

O que serão
os teus lábios
ou a fronte da delícia
senão
gerânios
em terra sem água
rosto verde
num crepúsculo de acácias e março
a acabar

esbelteza de gazela
e miragem de vagem
numa planície desértica
cavada na sombra
do mar

O que serás tu
florida em flor labial
senão
o puro desejo
de te ter solitária
feita harpa e música
por entre
o rumor da cidade?...

Praia, 20 de Novembro de 1986

(ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro, In ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro (org.), *Mirabilis de veias aos sol*, *Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 288)

Valdemar Valentino Velhinho Rodrigues

Reposição do amor

Durante a noite inteira,
Sem ser numa alcova,
Sem s'abraçarem,
Sem ser numa cama,
Sem s'atirarem aos sexos,
Falaram sobre o amor,
Deste puro sempre
Que nunca ouviu falar
De poeta nenhum,
Deste puro sempre
Que faz da sereia mulher somente,
Do centauro homem somente,
Do empíreo gesto,
Da sombra a mais bela ínsula
E da humanidade um abraço divino.

E quando então saíram à rua,
Domingo era (quem não se lembra?),
E queriam passear pelos campos
Com a crepuscular Eternidade,
Foram, sob a vigilância dos transeuntes,
Primeiro reduzidos ao sexo
E às cinzas deste,
Barbaramente fornicados pelos poetas.

(RODRIGUES, Valdemar Valentino Velhinho, In ALMADA,
José Luís Hopffer Cordeiro (org.), *Mirabilis de veias aos sol*,
Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos. Lisboa: Caminho, 1991, p. 504)

Vera Duarte

Exercício Poético Sobre a morte

Em decúbito dorsal sobre a mesa de mármore da morgue o cadáver apodrece, enquanto aguarda que um sopor de vida venha apagar o efeito nefasto da navalhada dada pelo amigo em momento de exaltação etílica. Entretanto sobre a mesa da minha secretária, do montão de papéis desarrumados sobressai a carta da mulher que pede se embargue a partida do velho que lhe desflorou a miúda de treze anos em troca de uma mão-cheia de bolos. Estranhamente as imagens se sobrepõem, se confundem. Os ofícios e a violação. A enorme mancha de sangue. A imagem em si e por si. A morte. Dele, dela e do outro. Da camisa amarela, de *nylon*, ressaltam as manchas de sujidade. Um cheiro a maresia quase imperceptível escapa ainda do corpo que jaz do infeliz pescador, a misturar-se já com os cheiros da decomposição e me enche o pequeno gabinete. Abro as janelas sobre o mar. Tudo é rígido, até os ofícios. O cheiro fétido, a baía, uma tal Inês, o grogue e a família. Num relance a morte. Sete filhos e um por nascer. Sobre a mesa de mármore da morgue o cadáver deixou de apodrecer.

(DUARTE, Vera, “Exercício Poético 3, Sobre a morte”, In ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro (org.), *Mirabilis de veias aos sol*, *Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 516)